

PT tem forte participação no FSM

A 5ª edição do Fórum Social Mundial, que ocorreu entre 26 e 31 de janeiro, em Porto Alegre, contou com forte participação do PT. A atuação petista se expressou pela presença maciça da militância nas atividades e por mais de 30 eventos paralelos promovidos pelo partido. Discutiram-se a relação com os movimentos sociais, as prioridades das administrações petistas e o estreitamento dos laços com as forças de esquerda no mundo.

A direção nacional justifica a intensa participação pela identificação do PT com a agenda progressista e de esquerda do FSM. O partido ainda esteve representado no Fórum de Autoridades Locais e no Fórum Parlamentar Mundial, dois encontros paralelos. A Fun-

ção Perseu Abramo promoveu debates dentro da programação do FSM, que contou ainda com ministros do governo federal.

Em um dos principais eventos do Fórum Social, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou a Chamada Global de Ação Contra a Pobreza. No dia seguinte, viajou ao Fórum Econômico de Davos, onde ampliou a pauta social ao ressaltar, a uma platéia de empresários e chefes de Estado, a necessidade da união de forças para o fim da fome no mundo.

Nesta edição, o PT Notícias apresenta um balanço da atuação do PT em Porto Alegre e da passagem de Lula pelos dois fóruns simultâneos, com relatos dos enviados especiais Cezar Xavier e Thomaz Napoleão.



Marcello Casal Jr./Abr



Marcello Casal Jr./Abr



Marcello Casal Jr./Abr



Ilanor Lemos



Marcello Casal Jr./Abr



Ilanor Lemos



Thomaz Napoleão

“Partido foi protagonista”

O presidente nacional do PT, José Genoíno, considera que o PT foi protagonista no Fórum Social Mundial (FSM) e demonstrou forte presença nos movimentos sociais, ao contrário do que esperavam os críticos da legenda.

“Nós não nos consideramos vidraça. Somos um partido de esquerda que sempre teve compromisso com o fórum”, observou.

Genoíno destacou a importância do encontro como uma oportunidade para o PT discutir sua agenda, suas diferenças e divergências. O dirigente mencionou a programação intensa de reuniões bilaterais com partidos de todo o mundo (leia à pág. 2) e a discussão com dirigentes partidários de países vizinhos sobre assuntos importantes para o governo, como a integração da América Latina. Ele lamentou a decisão do Conselho Internacional do FSM de levar o evento para outros países nos próximos anos. “Gostaríamos que o fórum continuasse em Porto Alegre, mas o FSM vai continuar tendo o PT como aliado.”

O presidente do partido considerou exemplar a atitu-

de da direção estadual do PT-RS de organizar a militância no FSM. “Onde quer que fôssemos, encontrávamos uma bandeira do PT”, disse.

Genoíno enfatizou que o PT continuará fortalecendo os laços com os movimentos sociais e anunciou a realização de uma conferência nacional entre o partido e representantes dos movimentos. O encontro será realizado em maio, em Belo Horizonte (MG). “O PT pretende priorizar a discussão da relação entre a militância política e militância social.”

Espaço PT

Além de uma grande festa comemorativa aos seus 25 anos — realizada dia 29 —, o partido inaugurou um espaço fixo no Fórum Social Mundial, em frente à Usina do Gasômetro, área administrativa do evento. Segundo o presidente do PT-RS, David Stival, o lugar centralizou a “participação ostensiva” dos petistas no fórum.

O Espaço PT possuía um balcão de exposição de livros e uma sala de reuniões, que sediou encontros entre dirigentes petistas e delegações de outros partidos.

Em carta ao fórum, Genoíno reafirma os compromissos do PT

O Partido dos Trabalhadores distribuiu, em Porto Alegre, uma carta do presidente do partido, José Genoíno, ao Fórum Social Mundial. No documento, o dirigente petista saudou os participantes e reafirma os compromissos do partido com as lutas do fórum, ressaltando a importância da luta articulada contra a dominação hegemônica e pela definição de alternativas que levem à construção de um mundo com menos desigualdades e injustiças.

Leia a íntegra:

Fórum Social Mundial: Construindo Alternativas Concretas

O PT, através de seus militantes, ativistas e dirigentes, participa da construção do Fórum Social Mundial desde sua origem. A importância e o valor que o PT confere ao FSM se expressam pela presença e participação do presidente Lula por quatro vezes — duas na condição de líder do Partido e duas na condição de presidente da República.

O FSM nasceu como es-

perança e como promessa de milhões de pessoas, espalhadas por todo o planeta, de que é possível construir um mundo melhor. Um mundo sem guerras, um mundo que preserve o meio ambiente, um mundo que respeite a dignidade humana através da construção de sociedades justas.

Contra a visão unilateralista, hoje hegemônica, o Fórum propõe o pluralismo. Contra a imposição imperial de uma única cultura civilizacional, o Fórum dissemina o respeito ao multiculturalismo. O próprio evento em si é uma prática multicultural, mostrando que etnias, povos e religiões podem viver, lado a lado, de forma pacífica e solidária.

A experiência do FSM é uma prova de que é possível construir uma globalização cosmopolita como alternativa à globalização unilateral, da qual somente as potências hegemônicas e suas elites, junto com as elites dos países em desenvolvimento se beneficiam às custas da perpetuação da pobreza para, praticamente, a metade da humanidade. Trata-se, por-

tanto, de organizar um movimento de resistência à dominação hegemônica e de construção positiva de um mundo cosmopolita integrado por Estados, governos, movimentos sociais, partidos políticos, indivíduos, intelectuais e a juventude, visando reduzir as desigualdades e as injustiças e estabelecer trocas e intercâmbios mais iguais em todos os âmbitos da vida e das necessidades humanas.

O Fórum Social Mundial pode e deve contribuir para soldar uma rede mais consistente de lutas transnacionais, reformar e constituir um novo direito internacional mais democrático e equitativo, preservar o patrimônio comum da humanidade em termos de recursos e ambientes essenciais à sobrevivência digna da humanidade e garantir a sustentabilidade do desenvolvimento econômico e social em escala planetária. Integram essas lutas transnacionais a preservação da biodiversidade, dos fundos marinhos e dos recursos hídricos, as lutas ambientais, o combate à fome, à pobreza e às epidemias e a defesa de uma ordem comercial justa

entre Estados, povos e mercados.

Depois de cinco edições, o FSM está apto a proceder a uma avaliação retrospectiva de seu significado visando dar um salto de qualidade para o futuro. Acreditamos que o Fórum, além de dar continuidade aos debates, integrações e entrelaçamentos de experiências, pode contribuir mais com a definição de alternativas concretas de propostas, projetos e lutas para movimentos, organizações sociais, partidos políticos e instituições públicas. E pode prestar uma contribuição inestimável na organização e na soldadura de lutas transnacionais, com o objetivo de resistir à dominação hegemônica e de avançar na construção de uma globalização cosmopolita e solidária. É com estas expectativas e com estas esperanças que, em nome dos petistas de todo o Brasil, saudamos e confraternizamos com os participantes do Fórum Social Mundial, reunidos em Porto Alegre.

José Genoíno,
presidente do PT
Porto Alegre, janeiro de 2005

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

PT quer mais prefeitos na Marcha a Brasília

A convocatória para a 8ª Marcha de Prefeitos a Brasília, que este ano ocorrerá entre 7 e 10 de março, foi o principal assunto da reunião de prefeitos petistas ocorrida no dia 25 de janeiro, em Porto Alegre. Representantes de 22 prefeituras debateram um plano de ação para que o PT tenha uma atuação mais relevante no evento e nas entidades representativas, como a Frente Nacional de Prefeitos e a Confederação Nacional de Municípios.

A partir da 6ª Marcha, o governo Lula estabeleceu um novo momento na relação com as organizações, assinando com elas um protocolo contendo uma agenda estratégica. Ao longo de 2004, os resultados foram reconhecidos pelas entidades como ganhos importantes.

Para o prefeito de Aracaju, Marcelo Déda, o PT e o governo Lula precisam ter mais capacidade de capitalização dos resultados extraordinários da marcha. "O PT precisa assumir a convocatória dos 400 prefeitos, a maioria deles novos, e dos vereadores para a marcha, e se preparar para transformar o evento num momento favorável para a imagem do gover-



Para Déda (à dir.), o PT precisa convocar seus mais de 400 prefeitos para o evento

no Lula", destacou. Ele alertou para a grande quantidade de novos prefeitos brasileiros — 65% exercem seu primeiro mandato — que vão ao encontro do presidente com expectativas sem sequer saberem dos avanços alcançados.

O prefeito de Diadema (SP), José de Filippi Júnior, acredita que a elaboração de um sistema tributário para pequenos municípios deveria ser uma iniciativa coordenada pelo PT para os muitos novos ad-

ministradores. Em todo o país há 3 mil cidades que não têm sistema tributário, embora esta seja uma obrigação constitucional. "É neste primeiro ano que este tipo de medida precisa ser tomado", alertou o prefeito de Guarulhos, Elói Pietá.

Reuniões bilaterais pautam agenda da SRI para 2005



Integrantes do PT reúnem-se com políticos franceses

O Fórum Social Mundial foi uma oportunidade privilegiada para o PT reunir-se com cerca de 20 partidos e organizações de todo o mundo. Para o secretário de Relações Internacionais do PT, Paulo Ferreira, estas conversações intensas demonstraram que a legenda tem grande respeitabilidade. A assessora da SRI Ana Stuart confirma a grande solicitação de reuniões com um espectro que incluiu desde os socialistas, democratas e trabalhistas até os comunistas. "O desafio agora será atender à enorme expectativa e aos compromissos que nós firmamos com os partidos e as entidades", disse Ferreira.

De acordo com o dirigente, a SRI tem diante de si a possibilidade de organizar a agenda de relações internacionais a partir do FSM. Ferreira avalia que foram intensificadas as relações com os principais parceiros da América Latina e Caribe, além da Europa. Ele acrescentou que, por motivos de distância, o PT vai ter que complementar esse planejamento com Ásia e África. "As lideranças querem manter uma relação de continuidade com o PT", explicou.

Ana destacou as reuniões consideradas mais marcantes. O presidente do PT, José Genoíno, reuniu-se com o presi-

dente do Partido Socialista Europeu, Poul Rasmussen. Houve também reunião com a Esquerda Unificada Europeia do Parlamento Europeu. Já o Ano do Brasil na França foi um assunto explorado no contato com os Partidos Socialista e Comunista daquele país.

A relação estreita com o Bloco Nacionalista Galego se reafirmou e o contato com políticos curdos do Partido Democrático Popular da Turquia e a delegação de marroquinos foi uma novidade para o partido. O PT promoveu um jantar com representantes do Partido Comunista de Cuba. O intercâmbio de informações do governo brasileiro e desafios comuns foram tema de discussão com a Frente Ampla do Uruguai. Da Argentina, vieram prefeitos e representantes de movimentos sociais.

O Partido Democrático Trabalhista, da Coréia do Sul, quis saber como o PT resolve sua relação com os movimentos sociais. O Movimento V República, que dá sustentação ao governo de Hugo Chávez, discutiu uma atuação conjunta no Parlamento Latino Americano. Houve também encontros significativos com a FMLN, de El Salvador: O líder partidário da Guatemala, Rodrigo Astúrias, discutiu a cooperação entre cidades.

Petistas ajudam a criar rede mundial de prefeitos

Prefeitos petistas foram indicados pelo 5º Fórum de Autoridades Locais (FAL), ocorrido em 25 de janeiro, em Porto Alegre, para compor uma comissão encarregada de dar andamento a um plano de trabalho. "O plano visa a dar concretude à rede de prefeitos como estratégia para garantir a universalização das políticas de igualdade", disse o prefeito de Guarulhos, Elói Pietá, que dividirá a tarefa com os prefeitos de Santa Maria, Valdeci de Oliveira, de Belo Horizonte, Fernando Pimentel, e com outras autoridades de várias partes do mundo. O evento contou com cerca de 200 participantes de 15 países.

Pietá explica que, em síntese, o plano tem duas perspectivas complementares: a confluência com os movimentos sociais e o Fórum Social Mundial e a vontade de cooperar com as entidades municipais e a Cidades e Governos Locais Unidos (CGLU). Os eixos estratégicos envolvem a articulação do FAL com o FSM; a promoção de políticas públicas de inclusão, de democracia participativa e de paz; o protagonismo ativo das autoridades locais na esfera internacional; a continuidade do trabalho como rede horizontal, além da proposta de fóruns temáticos e regionais articulados com os encontros regionais do FSM.

Pietá defendeu, durante o FAL, a formação de uma frente internacional de cidades periféricas, com discussões específicas relacionadas à natureza desses municípios. Segundo o petista, que administra a segunda maior população de São Pau-

lo, é preciso encontrar saídas para superar problemas que muitas vezes essas cidades têm, por serem integrantes de uma metrópole e cumprirem função complementar à cidade-pólo. De acordo com ele, as 'cidades-bairro' enfrentam a luta pela inclusão social e a precariedade dos recursos financeiros e dos serviços públicos.

Déficit social

A abertura do FAL foi marcada pela intervenção do ministro das Cidades, Olívio Dutra. O petista criticou a inclusão no cálculo do superávit primário, pelos organismos financeiros internacionais, de recursos destinados a cumprir as metas do milênio da Organização das Nações Unidas. Ele lembrou que a luta pela mudança do cálculo do superávit, exigência dos credores da dívida externa, tem sido uma tarefa do governo brasileiro. "O presidente Lula tem levado a questão aos fóruns internacionais, inclusive à Assembleia Geral da ONU."

Uma das principais preocupações dos prefeitos europeus foi a problemática da privatização generalizada de serviços públicos. O prefeito de Mons (Bélgica), Elio di Rupo, denunciou o projeto de Acordo Geral sobre Comércio e Serviços (AGCS), que vem sendo articulado para incentivar a privatização dos serviços públicos. Ele considera que a aprovação seria uma catástrofe. "Qualquer incentivo da prefeitura à universalização dos serviços seria visto como subsídio ilegal pela Organização Mundial do Comércio (OMC)", alertou.

ARTIGO

Partidos, indivíduos e disciplina

José Genoíno*

Sempre que acontece o já famoso troca-troca de partidos por parte de deputados, a imprensa, os analistas e os próprios políticos proclamam a necessidade da implantação da reforma política. O que explica a sua recorrente proclamação são dois fatores: a) os líderes políticos não a promovem pois são beneficiários do atual status quo e se adaptam ao sistema de acomodações existente; b) falta, por um lado, clareza dos objetivos e das conseqüências da reforma e, por outro, vontade política de realizá-la.

Um dos aspectos fundamentais da reforma política diz respeito ao sistema partidário. Este tema pode ser abordado a partir de vários ângulos. Dois pontos centrais do sistema de partidos, no entanto, se relacionam aos temas da disciplina e da fidelidade. Ambos estão imbricados com o próprio conceito de partido.

Partido político, antes de tudo, é uma associação voluntária de indivíduos portadores de cidadania política, definida por um rol de direitos políticos. O direito mais importante é o de votar e ser votado. Em sendo uma associação, um partido é, portanto, um ente coletivo, cujos membros associados aceitam voluntariamente um enquadramento normativo, expresso nos estatutos, e uma adesão programática, expressa no programa político. A natureza destas relações remete, necessariamente, ao acatamento de uma conduta disciplinada por parte dos filiados, sem a qual sequer se estabelece a possibilidade de existência efetiva e eficaz do partido.

Nos regimes democráticos e nos partidos democráticos, a relação disciplinada do filiado para com o coletivo partidário não prescinde da existência de direitos partidários. Além de direitos de representar e candidatar-se pelo partido e de participar ativamente da vida interna, inclusive, com o direito de ascensão à direção partidária, um dos mais importantes direitos individuais consiste no exercício da liberdade de opinião. O partido não pode e não deve restringir ou arbitrar a liberdade de opinião de seus filiados.

Da mesma forma que os direitos partidários individuais são plurais, os deveres também são diversos. Um dever central dos militantes do partido consiste na garantia da unidade de ação. A unidade de ação é uma conseqüência do princípio democrático da decisão por maioria. Assim, processados os debates, obedecidos os critérios democráticos de decisão,

os membros de um partido devem garantir a implementação das decisões tomadas de forma unitária.

De modo geral, todas as regras atinentes aos direitos e deveres partidários, à liberdade e à disciplina, emanam do estatuto do partido. Desta forma, a disciplina é uma função própria do partido. Por isto, o estatuto pode e deve conter sanções disciplinares para os casos de indisciplina. O mesmo não ocorre com a fidelidade partidária. Esta, para existir, precisa de uma regulamentação externa, definida pela norma pública. A fidelidade remete ao problema do troca-troca, à definição acerca de a quem pertence o mandato — ao indivíduo ou ao partido.

Note-se que se a fidelidade depende da norma pública, os partidos têm um caráter ambivalente: por um lado, são definidos pelo direito privado. Por isto, parte da sua vida é regulamentada por estatutos próprios. Por outro, são definidos pelo direito público, já que precisam de regulamentações jurídicas definidoras de suas funções e de seus papéis. Os partidos encontram-se numa espécie de ponto de confluência entre o direito privado e o direito público.

Do ponto de vista do conceito de fidelidade entendemos que a norma pública deve se pronunciar sobre o tema. Ora, se as democracias modernas se assentam sobre sistemas de partidos, cabe ao regime democrático implementar medidas que preservem e fortaleçam os partidos políticos. Preservar e fortalecer os partidos políticos, neste contexto, significa preservar e fortalecer a própria democracia.

Não existirão partidos fortes enquanto os parlamentares, os eleitos de modo em geral, puderem ter o poder arbitral de abandonar o partido pelo qual se elegeram. Se o acesso à condição de eleito está necessariamente vinculado a um partido, e se a própria distribuição das cadeiras depende do quociente partidário, este ente coletivo não pode ser violado no direito de posse plena das cadeiras que lhe são conferidas pelo processo eleitoral. Por isto, deve-se definir que o mandato, em caso de troca de legenda, pertence ao partido pelo qual o parlamentar se elegeu. Quanto ao exercício do mandato, ele se inscreve numa relação complexa entre o parlamentar e o partido, sendo que o primeiro tem em relação ao segundo vínculos de autonomia e de subordinação, sempre em respeito aos compromissos assumidos perante o eleitor.

* presidente nacional do PT

EXPEDIENTE

PTnotícias

ÓRGÃO DO DIRETÓRIO NACIONAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

PRESIDENTE NACIONAL DO PT

José Genoíno

SECRETÁRIO NACIONAL DE COMUNICAÇÃO

Marcelo Sereno

EDIÇÃO

Priscila Lambert - MTb 31085

REDAÇÃO

Maurício Moraes (subeditor), Claudio Cezar Xavier, Vladimir Braga e Walter Venturini (repórteres), Renata Bessi e Thomaz Napoteão (estagiários)

ASSESSOR ADMINISTRATIVO

Rodrigo Zamprogná

APOIO ADMINISTRATIVO

Rafaela Soares

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Luiz Alves

SEDE

Rua Silveira Martins, 132

São Paulo, SP CEP 01019-000

Tel.: (11) 3243-1313

Fax: (11) 3243-1349

E-mail: ptnot@pt.org.br

Página na internet: www.pt.org.br

Tiragem: 12.000 exemplares

Fotolitos e impressão: Gráfica King

P O R T O A L E G R E X D A V O S

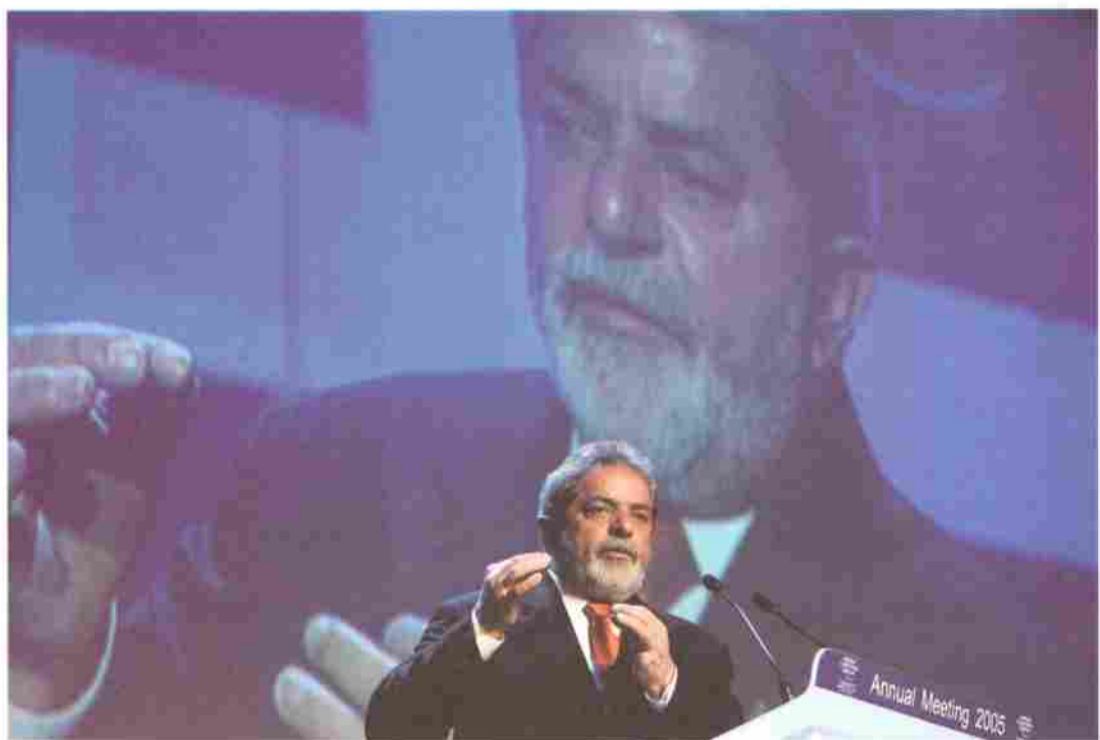
Lula pede união dos países pobres



CHAMADA GLOBAL PARA A AÇÃO CONTRA A POBREZA



“Só a união dos iguais permitirá que um outro mundo seja possível”, destacou Lula



Discurso ressaltou que fome e pobreza devem ser tratadas como problema político

Presidente defende ação contra a miséria no FSM

O Fórum Social Mundial recebeu Luiz Inácio Lula da Silva pela quarta vez em 2005 — a segunda na condição de presidente da República —, e os 12 mil lugares do Estádio Gigantinho, em Porto Alegre, foram insuficientes para acomodar o público que aguardava para ouvi-lo. Escolhido pela sociedade civil mundial para apresentar a Chamada Global de Ação Contra a Pobreza, Lula defendeu a cooperação entre os países pobres no combate à fome e à miséria. “Só a união dos iguais permitirá que um outro mundo seja possível”, disse.



Estádio do Gigantinho recebeu mais de 12 mil pessoas

O presidente informou que seu governo luta para aproximar o país dos vizinhos, em particular a Argentina, e que cancelou as dívidas de países como Bolívia, Moçambique e Gabão. “Ou nos juntamos ou não encontraremos saída”, salientou.

Ao recordar que o Brasil se voltava apenas para os EUA e a Europa antes de seu governo, ignorando a África e a América Latina, o presidente citou a recente criação da Comunidade Sul-Americana de Nações, em Cuzco, no Peru. Lula recordou, ainda, os investimentos realizados pelo BNDES no desenvolvimento do continente e a participação brasileira na reconciliação da crise política da Venezuela.

100% Lula

Diversos representantes da sociedade civil global declararam o apoio ao presidente. O uruguaio Roberto Bisio, coordenador da rede Social Watch, considerou-o “aliado entre as lideranças mundiais”. O secretário-geral da

Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres (Ciosl), Guy Ryder, que participou do lançamento da campanha, disse esperar que 2005 seja o ano em que os governos cumprirão suas promessas para com os povos que representam. Ryder afirmou ainda que “o movimento sindical está 100% com Lula”.

A militância petista fez eco ao entusiasmo com o engajamento do presidente na campanha. Cerca de quatro mil pessoas vestiram camisetas com a inscrição “100% Lula”. Aplaudido pela maioria, Lula também recebeu vaias de um grupo de cerca de cem pessoas — em sua maioria ligadas ao PSTU e ao PSOL. “São filhos do PT que se rebelaram. É próprio da juventude. Mas um dia vão amadurecer e à casa retornarão. Estaremos de braços abertos para recebê-los”, disse Lula sobre os insatisfeitos.

Campanha

A Chamada Global de

Ação Contra a Pobreza foi lançada por centenas de movimentos sociais de todo o mundo. É uma iniciativa de mais de 100 organizações civis que propõem a anulação da dívida dos países do Sul e mudanças profundas no comércio internacional, visando a cumprir as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU, que incluem a erradicação completa da fome e da pobreza extrema até 2015. O símbolo da campanha é uma faixa branca, simbolizando paz e solidariedade.

O calendário de mobilização da Chamada Global para o ano de 2005 inclui três eventos principais: o encontro do G-8, grupo de oito das maiores economias mundiais, na Escócia, em julho; a Cúpula do Milênio+5 da ONU, em Nova York, em setembro, quando será feito um balanço de 5 anos desde que as Metas do Milênio foram lançadas; e a reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio, em Hong Kong, China, no mês de dezembro.

Brasil amplia pauta social no Fórum Econômico

Após deixar o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, onde reiterou a necessidade de união de forças para exterminar a fome no mundo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva seguiu para Davos, na Suíça, levando a mesma mensagem aos participantes do Fórum Econômico Mundial. O tema, que já havia sido tratado por Lula na edição do fórum em 2003, passou a ser também a tônica de discursos de outros chefes de Estado que participaram do evento.

Para uma platéia formada por empresários e chefes de Estado de diversas nacionalidades, o presidente brasileiro sugeriu que a questão da fome e da pobreza seja tratada como um problema político. “Enquanto a questão for considerada apenas um problema social, será debatida apenas por sindicatos, partidos políticos, pela igreja e por acadêmicos de todo o mundo. Quando passar a ser vista pelo mundo como um problema político, ela deve ser resolvida”, acredita.

Ele reforçou a ideia da criação de um fundo mundial de combate à fome e sugeriu quatro formas de alimentá-lo: taxação sob transações de venda de armas, transações financeiras, recursos dos paraisos fiscais ou sobre o comércio mundial. O presidente da França, Jacques Chirac, apoiou em público a iniciativa. Já o primeiro-ministro do Reino Unido, Tony Blair, defendeu o fim dos subsídios concedidos pelos países ricos a produtores de algodão e açúcar, questão que o Brasil e outros países agrícolas vêm cobrando há anos.

O presidente também apresentou um balanço sobre



Encontro teve a participação de ministros do governo

os dois anos de governo, citando os avanços na economia, a queda da inflação, a redução da dívida do setor público, os recordes na balança comercial e o crescimento no número de empregos formais no país. Além disso, mostrou os avanços em sua política internacional, com o fortalecimento do Mercosul e de parcerias com outros mercados emergentes, e nos programas sociais, como o Bolsa Família, o Fome Zero e o Programa Universidade para Todos (ProUni).

Ele lembrou que compromissos prioritários do governo foram cumpridos. “Fizemos as reformas tributária, da Previdência, do Poder Judiciário e aprovamos os projetos de lei das Parcerias Público-Privadas, de Falências, a Lei de Patentes e de Inovações. Concomitantemente, fizemos os marcos reguladores no setor de energia elétrica e no setor de saneamento básico”, disse.

Instituição

Lula repetiu a sugestão apresentada no Fórum Social

Mundial sobre a criação de um organismo multilateral para viabilizar que compromissos, acordos e protocolos firmados pelas autoridades sejam cumpridos, evitando a descontinuidade de políticas por conta da troca de cargos do Executivo. Segundo o presidente, apenas uma instituição séria, multilateral e em que todos depositem confiança poderá funcionar no combate à pobreza.

Em sua passagem por Davos, Lula e os ministros que o acompanharam deixaram também outro recado aos empresários presentes: que o país está pronto para receber investimentos. As Parcerias Público-Privadas foram apresentadas como novas oportunidades de investimentos no Brasil.

Ao deixar o evento, Lula se mostrou otimista com os negócios no Brasil. “As pessoas já percebem claramente que o país não é mais um coadjuvante e não quer ser mais um coadjuvante. O Brasil tem tudo para continuar crescendo, tem tudo para desenvolver um papel mais importante no mundo.”

Militância e público apóiam discurso

A militância petista atendeu ao chamado do partido e compareceu em peso à manifestação de apoio ao presidente Lula no Fórum Social Mundial, segundo avaliação do secretário de Mobilização do PT, Francisco Campos. Para o dirigente, a mobilização de movimentos sociais no ato de apoio ao presidente indica a forte presença do PT nestas organizações.

A fala do presidente entusiasmou desde integrantes de movimentos populares até representantes de ONGs.

“Governar não é fácil, e o Lula é uma grande esperança para a América Latina”, disse a missionária mexicana Alicia Garcia. O estudante André Marrom, de Franca (SP), aprovou a presença de Lula em Porto Alegre e em Davos. “Dá mais força ter o presidente do lado [da campanha]”, acredita.

Secretária do PT para o Acompanhamento ao Fome Zero, Marlene Rocha considerou importante as informações de Lula sobre as alianças que está firmando contra

a pobreza na América Latina, tanto em Porto Alegre, quando em Davos. “As pessoas que vêm ao FSM não deixam de fazer a crítica com o que não concordam, mas deixam claro que querem ajudar Lula a avançar.” O secretário Sindical do PT, João Felício, avalia que a iniciativa da campanha nasce muito bem, uma vez que já conta com forte simpatia das organizações sociais. “O fato de Lula se dispor a levar a campanha para o mundo é uma bela aliança”, afirmou.

“Lula mudou agenda de Davos”

O vocalista da banda de rock U2, Bono Vox, presente às discussões do Fórum Econômico Mundial, afirmou a jornalistas brasileiras que o presidente Lula é um “grande homem, que mudou a agenda de Davos”. Bono é uma das personalidades famosas que participaram do Fórum Econômico Mundial e vem defendendo questões ligadas à área social. O cantor irlandês, que cumprimentou Lula no dia 28 de janeiro, durante o fórum, participou de uma palestra sobre o G-8 e a África.



Bono Vox cumprimentou o presidente Lula em Davos

ENTREVISTA

“Lula mudou relação internacional”

A política externa de Lula está transformando as relações internacionais, e um Mercosul forte e liderado pelo Brasil poderá ser o estopim de um mundo multilateral e multipolar. É a opinião do economista dinamarquês Poul Nyrup Rasmussen, um dos principais nomes da esquerda mundial, que concedeu entrevista exclusiva ao PT Notícias durante o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre.

Nascido em 1943, Rasmussen fez carreira meteórica no Partido Social-Democrata da Dinamarca nos anos 80. Tornou-se vice-presidente da Internacional Socialista em 1992 e entre 1993 e 2001 foi primeiro-ministro de seu país. Seu governo assegurou a entrada da Dinamarca na União Europeia, em 1995, e se destacou pela sólida cooperação internacional. Eleito eurodeputado com votação recorde ao final de seu mandato, Rasmussen é o atual presidente do Partido Socialista Europeu (PSE), segunda maior bancada do Parlamento Europeu. Em novembro de 2004, organizou o Fórum Progressista Global, em Bruxelas (Bélgica), um evento nos moldes do Fórum Social Mundial que reuniu lideranças políticas, sindicais, empresariais e acadêmicas de todo o mundo.



Poul Nyrup Rasmussen, presidente do Partido Social-Democrata da Dinamarca

A nova política externa de Lula mudou as perspectivas do sistema internacional?

Poul Nyrup Rasmussen — Sim. Acabo de assinar, junto com muitos outros, uma declaração de apoio à Chama Global de Combate à Pobreza, de Lula. Eu acredito que a União Europeia e o

Mercosul, sob a liderança do Brasil e de Lula, poderiam desenvolver uma nova e importantíssima aliança. O Partido Socialista Europeu, junto com o Fórum Progressista Global, deveria se interligar ao PT e realizar encontros frequentes. Assim, poderíamos fazer maior pressão no Parlamento Europeu, por exemplo,

nas negociações comerciais. Chegaríamos à próxima reunião da OMC, em Hong Kong, com uma posição unificada dos socialistas latino-americanos e europeus. Eu ficaria satisfeito em coordenar esse front na Europa.

A longo prazo, se vocês desejarem desenvolver o Mercosul como uma organização

política... Quero dizer, uma coisa é comércio e economia. Mas precisamos também de uma construção política ligada ao Mercosul, com um parlamento próprio, como na Europa. Com uma voz política comum, poderíamos avançar. Isso pode ser feito agora, pois a porta está aberta. A América Latina hoje tem muito mais chance de se integrar do que a Europa teve. Nós precisamos de 50 anos para conseguir a integração. Aqui vocês só têm duas línguas, que são próximas. Não há um problema linguístico. Com todas as democracias que já se restabeleceram na América Latina, e com todos os governos que estão se tornando socialistas na região — como o Uruguai, a Argentina e o Panamá —, o momento político é ótimo para se criar uma organização regional forte. Isto seria exemplo para que outras regiões do mundo, como a África e a Asean (sudeste da Ásia), fizessem o mesmo. Estaríamos mais próximos de um mundo multipolar e multilateral.

Em nome do Fórum Progressista Global, digo que estamos ao lado do programa do partido de Lula, reiteramos nosso apoio integral a ele e faremos todo o possível para ajudar o Brasil, inclusive com recursos. Compartilhar expe-

riências políticas com casos como o brasileiro será o objetivo do nosso fórum durante os próximos anos.

Alianças como o G-20, entre Brasil, Índia, África do Sul, China e outros países, são um meio eficiente de implementar um comércio mais justo entre Norte e Sul?

Rasmussen — Alianças desse tipo podem não ser a resposta para tudo, mas podem resolver boa parte dos problemas, criando uma pressão mais forte sobre certos países. Então, a resposta é sim. O fato é que, pela primeira vez na história do Brasil, um presidente criou uma liderança que inspira alianças entre os países pobres. Acredite em mim, isto terá consequências sobre os países mais ricos do mundo. A questão já não é mais sobre o que o Norte quer ceder; cada vez mais, é uma negociação entre parceiros iguais.

É claro que existem detalhes: você poderia dizer que o Brasil e a Índia não têm necessariamente o mesmo interesse econômico, mas a questão não é essa. Eles têm uma causa comum. Querem que a parte mais rica do planeta mostre mais solidariedade. É mais um exemplo de aliança política positiva.

Jovens elogiam política externa do Brasil

Jovens militantes da esquerda latino-americana debateram a realidade do continente e a situação política regional no Acampamento Intercontinental da Juventude, em Porto Alegre, durante o Fórum Social Mundial.

Representando o partido no evento, o 3º vice-presidente nacional do PT, Valter Pomar, relembrou que discutir socialismo é discutir anticapitalismo. “O movimento anticapitalista tem três grandes metas hoje”, disse. “Combater o neoliberalismo no pensamento e na cultura, enfrentar o capitalismo financeiro que controla a economia mundial e desafiar a hegemonia político-militar dos EUA.”

Pomar declarou que a

pauta de Bush para a região tem três eixos: a implantação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), a pressão golpista sobre o governo de Hugo Chávez e o boicote econômico e ideológico a Cuba. O dirigente petista ressaltou o papel de liderança progressista que o governo Lula vem exercendo no continente, em particular para negociar uma saída para a crise política que assola a Venezuela. “Se não fosse por Lula, a Venezuela estaria em guerra civil”, declarou.

Os demais convidados ecoaram os elogios à política externa do governo do PT. Carlos Rodrigues, da União de Jovens Comunistas de Cuba (UJC), disse que a atual con-

juntura da América Latina é excepcional para a esquerda. “Talvez tenhamos que esperar 800 anos por uma oportunidade de integração tão boa”, afirmou. Rodrigues sublinhou a importância da solidariedade e da educação para o processo de entendimento político e cultural entre os povos da região.

Membros da juventude do Movimento V República destacaram que a gestão bolivariana de Chávez vem alterando a forma de se fazer política na Venezuela, através da inclusão das camadas populares, em um exemplo positivo para a América Latina. O debate também contou com representantes da Juventude Socialista do Uruguai.

Para professor, governo do PT corrigiu rumo da diplomacia



Mesa do seminário promovido pelo PT e pela Internacional Socialista durante o FSM

O professor de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB) Flávio Saraiva declarou, durante seminário promovido pelo PT e pela Internacional Socialista (IS) sobre a reforma da Organização das Nações Unidas (ONU), que há uma nova vibração no Brasil no que se refere às suas relações exteriores. Segundo sua análise, com o governo Lula houve uma correção de rumo na diplomacia brasileira. “O governo estabeleceu um certo nacionalismo operativo e cooperativo, nada ideológico, mas realista”, definiu ele.

Como outros participantes do debate, ocorrido no auditório da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, no dia 28 de janeiro, Saraiva legitimou a afirmação de que o presidente Lula, com trabalho e paciência, está definindo uma nova geografia, particularmente num pólo importante do mundo, que é a América do Sul. Ele entendeu que a emergência de um

“novo Sul”, em que países como Brasil, China, Índia e nações da África se aliam para a formação de um bloco, pode favorecer a reforma do sistema da ONU. “A própria Agência de Inteligência dos Estados Unidos tem reconhecido esta crise de hegemonia em seus documentos”, afirmou.

Todos admitem que o sistema ONU não será reformado de uma vez, mas com mudanças graduais. É neste sentido que Saraiva é otimista com a definição de novas lideranças de países em desenvolvimento, em particular o empenho do governo brasileiro em se tornar membro permanente do Conselho de Segurança (CS) da ONU.

Diferentemente do presidente da IS, Antonio Gutierrez, que explica que o projeto da entidade não está centrado nas questões da Segurança, Saraiva acha que transformações profundas no CS terão impacto na redefinição de um multilateralismo. Apesar disso, Gutierrez defendeu que o Brasil

deve ser um membro permanente do CS. Ele também acredita que a obstrução provocada pelo G-20 em Cancún (México) foi fundamental para as negociações na Organização Mundial do Comércio (OMC).

Marco Aurélio Garcia, assessor do governo Lula, identifica um paradoxo na atual situação do CS. Os Estados Unidos prescindiram da autorização do conselho para invadir o Iraque, mas atrasaram tudo o que podiam e insistiram em ter a autorização. Em sua análise, se, por um lado, a invasão fragilizou o CS, por outro fortaleceu-o por não ter concedido a autorização. “As aspirações do Brasil ao Conselho de Segurança são justificadas fundamentalmente pela importância que damos ao conselho e à distância da realidade internacional que ele está atualmente”, justificou. Marco Aurélio considera fundamental operar com a opinião pública mundial, via Fórum Social Mundial, para obter sucesso nas reformas.

FSM discute democratização da ONU

A ONU atual é obsoleta e pouco democrática. Ainda assim, é o fórum comum da humanidade, que deve ser recuperado para voltar a promover paz e desenvolvimento. Partindo destes pressupostos, uma mesa-redonda do Fórum Social Mundial analisou as possibilidades de reforma do organismo.

Poul Rasmussen, ex-primeiro-ministro da Dinamarca, vinculou o enfraquecimento da ONU à unipolaridade do sistema internacional. Para ele, a saída é criar fortes blocos regionais que equilibrem o poder americano. Rasmussen também sugeriu transformar o atual Conselho de Segurança em um Conselho de Segurança Humana, priorizando os Direitos Humanos e não mais os temas militares; e converter o Comitê Econômico e Social (Ecosoc), que hoje detém pouco poder, em um novo Conselho de Desenvolvimento Humano, com autoridade sobre questões comerciais,

ambientais e de desenvolvimento. “A nova ONU deve ser um centro mundial de democracia, unindo Estados e a sociedade civil”, ressaltou.

O espanhol Federico Zaragoza, ex-diretor da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), declarou que a Declaração Universal dos Direitos Humanos deve nortear uma cultura de paz pela cooperação, não pelo medo.

Já o representante da ONU no Brasil, Carlos Lopes, admitiu a crise da organização. “Saímos de nosso melhor momento, nos anos 90, para uma ruptura causada pela guerra no Iraque”, disse. Entretanto, Lopes lembrou que a ONU participou de todos os grandes debates internacionais dos últimos 60 anos e coordena a assistência às vítimas do tsunami asiático.

Liderança brasileira
O catalão David Minoves

e o uruguaio Roberto Savio propuseram criar novos espaços para a sociedade civil na ONU reformada. O ativista americano Rick Panganiiban lembrou que governos poderosos, como os EUA e a China, se opõem às reformas, e que muitos adotam a neutralidade. “Um dos poucos países capazes de liderar o processo é o Brasil de Lula”, afirmou. Uma prioridade confirmada pelo assessor para assuntos internacionais da Secretaria-Geral da Presidência, Giorgio Romano. “O maior desafio da reforma é colocar o foco na segurança humana”, disse.

Romano afirmou que para combater a pobreza é fundamental taxar os fluxos internacionais de capital e criar novos fundos de auxílio ao desenvolvimento. Ele reiterou ainda a importância de uma aliança Sul-Sul nas negociações comerciais, como vem sendo feito pelo governo brasileiro com países como Índia e África do Sul.

FÓRUM PARLAMENTAR MUNDIAL

Evento fortalece diálogo social

A participação de parlamentares petistas marcou o 5º Fórum Parlamentar Mundial (FPM), ocorrido nos dias 29 e 30 de janeiro, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e coordenado pela Secretaria de Relações Internacionais do PT. O deputado estadual Adão Villaverde (PT-RS) acredita que o FPM adquiriu uma importância fundamental, na medida em que discutiu a relação dos parlamentares com os movimentos sociais. “Nossa ação, enquanto uma rede internacional de parlamentares que compartilham os valores generosos do Fórum Social Mundial (FSM), deve se dar sempre de forma articulada com os movimentos e a sociedade civil organizada, indo além dos espaços tradicionais do parlamento”, defendeu.

O deputado federal Tarcísio Zimmermann (PT-RS) avalia que esta foi a edição que deu mais passos no sentido de consolidar a Rede Parlamentar Internacional (RPI). Já o deputado federal Doutor Rosinha (PT-PR) distingue este FPM pela incorporação de novos temas de debate, como a cultura e o direito à água. Ele destaca também a agenda de lutas e o fato de ter sido definida, pela primeira vez, uma equipe coordenadora de todo o projeto.

Durante painel do 5º FPM, o presidente nacional do PT, José Genoíno, destacou como “exemplares” atitudes como a do presidente Lula de denunciar internacionalmente as desigualdades sociais entre países ricos e em desenvolvimento. A parlamentares de 40 países, Genoíno usou este exemplo para definir a importância que a RPI tem



O ministro das Cidades, Olívio Dutra, destacou ações do governo Lula para reduzir os índices da exclusão social

para transformar em ação concreta os ideais do FSM. A manifestação do presidente Lula em Davos foi destacada por Ricardo Alarcón, presidente da Assembleia Legislativa Nacional de Cuba.

O ministro das Cidades, Olívio Dutra, falou das ações que o governo Lula tem tomado no Brasil para reduzir os índices da exclusão social. O ministro da Educação, Tarso Genro, declarou que a concentração do capital estrangeiro na mão de agências públicas e privadas constitui uma força normativa. “Essa corrosão hipertrofia os poderes constituídos e reduz a força política dos parlamentos.”

Movimentos sociais

Além de parlamentares

de vários países e tendências políticas, o FPM inovou ao incorporar em seu programa a participação de militantes dos movimentos sociais para um diálogo mais efetivo com o FSM. O diretor-geral do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), Cândido Grzybowski, integrante do comitê organizador do FSM, foi convidado para abrir este processo. A ideia de criar um parlamento mundial, onde todos estejam representados e tenham direito a voto, deve prosperar na campanha Contra o Terrorismo e a Guerra, e pela Paz e a Erradicação da Pobreza, promovida por organizações participantes do FSM, a ser realizada em 10 de setembro em todo o mundo. A data escolhida an-

tecede o 11 de setembro e a Assembleia Geral da ONU, marcada para o dia 14 daquele mês.

Os sindicalistas tiveram um ponto em comum em suas mensagens: quanto mais cedore forem feitas alianças entre a classe política e os movimentos sociais, maior será a resistência aos males do neoliberalismo.

Angel Merinos, representante do Fórum de Autoridades Locais (FAL), defendeu a construção de uma Carta Universal das Cidades, que sirva de contraponto aos avanços do neoliberalismo. Gianpiero Aladheff, da ONG Solidad, propôs mudanças na Organização das Nações Unidas em benefício da sociedade e das populações e não de empresas

e grupos financeiros.

Secretário-geral da Federação Internacional dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica (Fitim), Marcello Malentacchi pregou a reforma nas normas e nas instituições financeiras internacionais, destinando-se parte dos recursos oriundos de transações econômicas para programas sociais de países em desenvolvimento.

“A Agenda Comum de Parlamentares e Movimentos Sociais contra o Neoliberalismo” foi o tema do painel coordenado pelo senador Saturnino Braga (PT-RJ).

Segundo ele, o aperfeiçoamento da democracia participativa passa, obrigatoriamente, pelas ações dos movimentos sociais.

Declaração final faz apelo pela paz

A declaração final aprovada pelo Fórum Parlamentar Mundial sugere uma ação articulada dos parlamentares comprometidos com um mundo justo. O texto contém um forte apelo em defesa da paz e dos direitos humanos, além de uma condenação à política belicista norte-americana e ao unilateralismo na política internacional.

Foi acordado que os membros da Rede Parlamentar Internacional irão buscar o reconhecimento dos direitos à alimentação e de acesso à água e à terra; combater a pobreza; exigir o respeito das convenções internacionais; combater as políticas eleitorais e clientelistas e a discriminação aos trabalhadores migrantes; e introduzir nas legislações os princípios de uma educação baseada no respeito ao meio ambiente, solidariedade e paz mundial, entre outras ações.

Foram aprovadas, ainda, seis moções. A primeira sugere a criação de um Tribunal Penal Internacional para o julgar os crimes de guerra de George W. Bush. As outras exigem o fim do bloqueio a Cuba, a garantia de independência do Estado Palestino, o fim da ocupação no Iraque, o respeito ao referendo ao governo de Hugo Chávez e a ampliação do Mercosul a partir da Comunidade Andina de Nações.

“Debate do comércio internacional pertence à sociedade”

A procura por um consenso entre Norte e Sul nas negociações da Organização Mundial do Comércio (OMC) foi o assunto de uma mesa-redonda com parlamentares e sindicalistas, promovida pela fundação alemã Friedrich Ebert, em Porto Alegre. O foco foi o “pacote de julho” negociado em Genebra, Suíça, entre os maiores países em desenvolvimento e as potências econômicas do Norte, e que compensou em parte o fracasso da reunião da OMC em Cancún, México, em 2003.

Nas palavras do deputado estadual Adão Villaverde (PT-RS), o debate sobre comércio internacional pertence à sociedade, não à burocracia estatal. O congressista indiano Shahid Siddiqui acrescentou que o multilateralismo comercial da OMC está sendo superado pelo regionalismo e pelo bilateralismo. Dr. Sunilam, do partido Samajwadi, da Índia, disse que na OMC “tudo é dito e feito em nome do povo, que não é consultado”.

A parlamentar social-democrata alemã Sigrid Skarpe-lis-Sperk disse que as receitas da OMC — como a liberalização do comércio, a eliminação de subsídios e a privatização de serviços — levaram ao aumento do desem-

prego e da desigualdade. “As promessas da OMC serão vazias enquanto todo o sistema financeiro mundial não for reformado”, afirmou.

Os debatedores foram unânimes ao avaliar que a OMC deve continuar existindo, mas com reformas. Para o secretário sindical do PT, João Felício, a lógica dos direitos trabalhistas deve ser incorporada às negociações. Já o sindicalista sul-africano Willi Madisha disse que a OMC é um microcosmo da ONU, portanto uma arena de conflitos entre os interesses do Norte e as demandas do Sul.

Pregando que o comércio não se separa da agenda social da humanidade, Villaverde citou a diplomacia do governo Lula, que atua ao lado dos países em desenvolvimento na OMC enquanto lidera uma frente global de combate à miséria. Ao final, duas certezas. Primeiro, a sociedade civil e os partidos progressistas têm a causa comum da defesa dos direitos sociais em todo o mundo perante a OMC, como disse o sindicalista belga Daniel van Daele. Segundo, é urgente mobilizar o movimento sindical internacional. “Só haverá mudanças com uma agenda de lutas”, concluiu João Felício.

FÓRUM DE SÃO PAULO

Esquerda discute perspectiva de se tornar maioria nos governos da América Latina

Durante o Fórum Social Mundial, representantes da esquerda latino-americana participaram de um seminário promovido pelo Foro de São Paulo e pela Aliança Social Continental, que analisou as perspectivas para os avanços no continente. Os palestrantes lembraram que a esquerda já era governo em países como Brasil, Argentina, Chile, Venezuela, Cuba e Peru, e recentemente venceu eleições no Uruguai e no Panamá. O secretário de Relações Internacionais do PT, Paulo Ferreira, qualificou de “patamar histórico” o estágio atual das forças progressistas da região.

“Com 11 eleições na América Latina no futuro próximo, a esquerda vive a perspectiva de se tornar maioria nos governos da região”, disse Ferreira. “Podemos inverter o perfil de países tradicionalmente conservadores, como o Brasil.” O petista ressaltou que estas conquistas devem ser complementadas pelo desenvolvimento sustentável e pela inclusão social. Para ele, a hegemonia dos EUA só poderá ser enfrentada através do aprofundamento dos governos democráticos e



Representantes da esquerda latino-americanos em seminário do Foro de São Paulo

populares e da articulação internacional dos movimentos sociais.

Outros debatedores concordaram. A salvadorenha Nidia Diaz, da Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN), afirmou que a conjuntura mundial, marcada pela globalização neoliberal e pelo militarismo, dificulta a luta social na América Latina. Para Rodrigo Astúrias, da Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNNG), o quadro atual é contraditório: os indicadores sociais se agravam, mas as perspectivas políticas são encorajadoras. Pelo Partido Comunista de Cuba, Roberto Regalado explicou que quatro processos interligados ocorrem na região: o reforço da domina-

ção americana; o aumento da crise social, política e econômica; o aprofundamento das lutas populares; e, como reação geral, o avanço da esquerda.

Em resposta a um militante do PSTU, segundo o qual a luta popular estaria se enfraquecendo no Brasil, o 3º vice-presidente nacional do PT, Valter Pomar, disse que a opção revolucionária não se coloca hoje no país. “Como disse Che Guevara, em situações democráticas mais ou menos livres, onde todos podem se expressar, a esquerda não pode se abster do processo. Ela precisa disputar e ganhar as eleições”, concluiu.

O evento também contou com Iria Charão, do Ministério das Cidades, a depu-

tada argentina Alicia Castro, da Frente para a Mudança, o senador Carlos Baráibar, da Frente Ampla do Uruguai, e representantes do Partido Comunista da Colômbia, do Movimento V República da Venezuela e da Esquerda Unificada Europeia do Parlamento Europeu.

Na avaliação de Ferreira, o seminário foi um momento decisivo para o Foro. Novas atividades foram programadas. Em 2 de março, durante a posse de Tabaré Vazquez, uma reunião do grupo de trabalho em Montevideu vai preparar as comemorações do 15º aniversário de fundação do Foro, que acontecem em julho no Brasil, com a presença de todos os membros e de lideranças de governo.

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

“União sul-americana é urgente”

Em um dos principais eventos do Fórum Social Mundial, ministros, sindicalistas, diplomatas e lideranças partidárias e estudantis participaram da conferência América do Sul: Integração, Soberania e Desenvolvimento, organizada pela Fundação Perseu Abramo (FPA), ligada ao PT, em conjunto com o Instituto Maurício Grabois (IMG), vinculado ao PCdoB.

O ministro da Coordenação Política, Aldo Rebelo, disse que Lula é um dos protagonistas de um processo integrador que começou com Simón Bolívar e continua até hoje. “Os povos da América do Sul sempre procuraram a integração, mas os Estados nem sempre ajudaram”, afirmou. Segundo o ministro, os setores políticos brasileiros que se opõem ao Mercosul são os mesmos que praticaram a subserviência às potências do Norte quando estavam no poder. Defendendo o ensino do espanhol no Brasil, Rebelo disse que a aproximação passa também pela melhoria da in-



Hamilton Pereira, presidente da Fundação Perseu Abramo, encerra a mesa sobre a integração da América do Sul

fra-estrutura. Ele citou a primeira ponte entre o Brasil e a Bolívia, construída pelo governo Lula, e a ferrovia que ligará Santos (SP), no Atlântico, à chilena Antofagasta, no Pacífico, e que será inaugurada

até 2006.

Já o outro ministro presente, Gilberto Gil (Cultura), falou dos parentescos culturais e lingüísticos entre os povos do continente. Ele comparou a integração do conti-

nente à formação da União Européia. “A diferença é que a urgência é muito maior na América do Sul atual”, disse Gil.

João Felício, secretário-geral da CUT e secretário sin-

dical do PT, disse que a conjuntura de hoje favorece a aproximação entre os países sul-americanos. Fez ressalvas, no entanto: “não queremos uma integração só pela livre circulação do capital, que que-

bre os direitos sociais e trabalhistas”.

O sindicalista argentino Juan González fez avaliação semelhante, acrescentando que a identidade comum do continente está na resistência aos desmandos das elites. “A pobreza e a fome da América Latina não são produto da escassez. São políticas. Temos recursos suficientes”, declarou. Já Gustavo Petta, presidente da UNE, relembrou a ausência de conhecimento que os povos latino-americanos têm uns dos outros.

A conferência foi encerrada pelo presidente da FPA, Hamilton Pereira, que leu um poema sobre o FSM escrito durante a terceira edição do evento. “Davos é o grande silêncio branco. Nova York é o poder e o medo. Porto Alegre é a liberdade. O Fórum Social Mundial é uma descontração polifônica das vozes do Sul e do Norte que rejeitam a marcha fúnebre do mercado”, dizia um trecho do poema.

Festa celebra jubileu de prata e ressalta força petista

Durante o Fórum Social Mundial, o PT-RS promoveu uma festa para comemorar os 25 anos do PT — data que se completou no último dia 10 de fevereiro. Mais de mil pessoas — entre lideranças do partido e delegações de várias partes do mundo — participaram do jantar e do baile, que ocorreram no Centro de Tradições Gaúchas.

O presidente do PT, José Genoino, ressaltou a grande demonstração de força e organização do PT gaúcho durante o Fórum Social Mundial. “Quem dizia que o PT ia abaixar a cabeça diante do resultado eleitoral em Porto Alegre viu, aqui, que o partido tem orgulho do que fez quando esteve à frente desta cidade e deu uma demonstração vigorosa de sua sintonia com os movimentos sociais”, afirmou.

O líder petista disse acreditar que o partido viverá, em 2005, seu momento histórico mais importante destes 25 anos. Entre as ações que devem marcar a trajetória do PT neste ano, ele mencionou a consolidação de uma economia forte para o Brasil, com desenvolvimento. “O partido tem que fazer um debate sobre as suas diferenças, os sonhos, fazer uma repactuação com todas as tendências internas e debater os rumos da esquerda no Brasil e no mundo”, disse o petista, referindo-se ao processo de eleição direta do partido.

Participaram também os ministros Olívio Dutra (Cidades), Miguel Rossetto (Desenvolvimento Agrário), Nilmarino Miranda (Direitos Humanos) e Nilcéia Freire (Secretaria Especial da Mulher), o presidente do PT-RS, David Stival, o assessor da presidência da República para assuntos internacionais, Marco Aurélio Garcia, o candidato do PT à presidência da Câmara, Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP) e o presidente do Diretório de Porto Alegre, Valdir Bohn Gass.



Genoino discursa na festa realizada durante o FSM

PT comemora 25 anos

O PT completou 25 anos no último dia 10 de fevereiro. Para comemorar a data, o Diretório Nacional e os diretórios estaduais do partido estão planejando uma série de atividades que vão desde atos políticos a debates sobre os rumos do partido. As festividades serão concluídas no 13º Encontro Nacional do PT, que ocorrerá nos dias 2, 3 e 4 de

dezembro.

Além dos eventos programados, o PT lançou um site comemorativo (www.pt.org.br/25anos) que conta sua história, reúne documentos históricos e abre espaço para reflexões em forma de artigos assinados por lideranças que podem ser comentados pelos internautas. Confira a programação no quadro abaixo.

Ato Público Nacional

Data: 19 de março
Local: Minas Centro – Belo Horizonte (rua Curitiba, 1.264 – Centro)
14 horas: Atividades culturais
19 horas: Ato de Aniversário:

Discursos:

- ☆ Fernando Pimentel, prefeito de Belo Horizonte
- ☆ José Genoino, presidente nacional do PT
- ☆ Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República
- Participação especial do pianista Arthur Moreira Lima

Seminário Nacional

Data: 21 a 24 de março
Local: Novotel São Paulo Center Norte (Rua Zaki Narchi, 500)

Mesas:

- ☆ O rumo histórico da esquerda e o papel do PT
- ☆ Conjuntura Internacional
- ☆ Conjuntura Latino-americana
- ☆ Perspectivas do Projeto Nacional
- ☆ Política de desenvolvimento econômico para o país

☆ O PT que queremos

Presenças confirmadas: Paulo Ferreira, Valter Pomar, Aloizio Mercadante, Paulo Delgado, José Genoino, Emir Sader, Marco Aurélio Garcia, Antonio Palocci, Samuel Pinheiro Guimarães, José Dirceu, Vladimir Palmeira, Luiz Gonzaga Beluzzo, entre outros.

Conferência Nacional de Movimentos Sociais do PT

Data: 14 e 15 de maio
Local: São Paulo

Ato de Abertura do PED (Processo de Eleições Diretas)

Data: 18 de maio

Dia das Eleições Diretas no PT

Data: 18 de setembro

13º Encontro Nacional do PT

Data: 2, 3 e 4 dezembro
☆ Encerramento das comemorações dos 25 anos

Intelectuais lançam manifesto com 12 propostas

Um grupo de intelectuais divulgou, durante o Fórum Social Mundial, o Manifesto de Porto Alegre, documento que visa a sintetizar as principais idéias do FSM através de 12 propostas de mudança, submetidas à apreciação da sociedade civil mundial. Lido pelo argentino Adolfo Pérez Esquivel, Prêmio Nobel da Paz de 1980, o documento menciona, entre outras bandeiras, o cancelamento da dívida dos países pobres, a taxação do fluxo internacional de capitais, o fim dos paraísos fiscais, a preservação do meio ambiente, o fim das bases militares que não tenham mandato da ONU, a reforma e democratização das instituições internacionais e a transferência da sede das Nações Unidas, de Nova York para alguma cidade do Sul, caso o governo dos Estados Unidos continue a violar o Direito Internacional.

A carta é assinada por Adolfo Pérez Esquivel, Aminata Traoré, Armand Matellart, Atilio Borón, Bernard Cassen, Boaventura de Sousa Santos, Eduardo Galeano, Emir Sader, François Houtart, Frei Betto, Ignacio Ramonet, Immanuel Wallers-

tein, José Saramago, Ricardo Petrella, Roberto Sávio, Samir Amin, Samuel Luis Garcia, Tariq Ali e Walden Bello.

Em nome dos signatários, o jornalista espanhol Ignacio Ramonet explicou que o Manifesto de Porto Alegre está aberto a novas assinaturas ou modificações, e que procura apenas recorrer a idéias comuns e consensuais à maioria dos participantes do FSM.

Como diz o documento, são os movimentos sociais que, “em todos os níveis, mundial, continental e nacional, poderão levar adiante os combates necessários para que (as propostas) se transformem em realidade”.

Em frente

Durante a cerimônia de encerramento do FSM, o Conselho Internacional do Fórum Social Mundial divulgou uma carta em que analisa a edição 2005 do evento, qualificado de “laboratório para mudar a vida”. O documento diz que o FSM impulsiona e fortalece ações organizadas em todo o mundo e durante todo o ano.

“O fórum não começa nem termina neste espaço.

Ele é o momento de convergência de movimentos que lutam, se encontram e seguem lutando. E novas propostas de ação surgirão nesse processo.”

Recorde de público

O Fórum Social Mundial 2005 superou as edições anteriores em número de participantes, atividades e organizações envolvidas. No total, o fórum reuniu 155 mil pessoas, das quais 35 mil instalaram-se no Acampamento Intercontinental da Juventude, no Parque da Harmonia. Estiveram presentes 6.588 organizações de 135 países. O evento foi acompanhado por 6.823 jornalistas. Cerca de 2.800 voluntários trabalharam no evento, que contou com a participação de 2.500 trabalhadores da Economia Popular e Solidária. A marcha de abertura, no dia 26 de janeiro, foi a maior manifestação de todos os fóruns sociais até hoje, contando com 200 mil pessoas. Os 11 espaços temáticos abrigaram cerca de 2.500 atividades autogestionárias. No total, 352 sugestões concretas por um outro mundo possível foram produzidas no FSM.

Fórum sai de Porto Alegre em 2006

Depois de três edições iniciais em Porto Alegre, uma em Mumbai (Índia) e mais uma na capital gaúcha, o principal espaço de encontro e reivindicações da sociedade civil mundial sai do Brasil sem data definida para voltar. O Conselho Internacional (CI) do Fórum Social Mundial optou pela descentralização do evento em 2006. Várias cidades receberão simultaneamente no próximo ano o FSM, que continuará sendo paralelo ao Fórum Econômico Mundial de Davos, Suíça.



Bandeiras de movimentos sociais

Cândido Grzybowski, membro do CI, justificou a escolha. “Há um déficit geográfico no fórum. Várias regiões do mundo, como o Leste Europeu, os países árabes e a África, têm pouca representação”, destacou. A deci-

são final sobre as futuras sedes será tomada em março ou abril, e entre as candidatas há cidades de países como Argentina, Austrália, Canadá, Coréia, Marrocos, México, Paquistão e Venezuela. A edição de 2007 será na África, em local a definir.

Apesar da decisão, o Brasil continuará a fazer parte do processo do FSM. Antonio Martins, que também integra o CI, declarou ao PT Notícias que os fóruns sociais brasileiros, como o de 2003 em Belo Horizonte, devem voltar a acontecer no país.